

# J O E B I D E N

A VIDA, AS IDEIAS E OS DESAFIOS  
DO PRESIDENTE DA NAÇÃO MAIS  
PODEROSA DO MUNDO

E V A N O S N O S

PREFÁCIO DE MARCELO LINS

TRADUÇÃO DE ALEXANDRE MARTINS

**A**  
—  
A G I R

Título original: *Joe Biden — The Life, the Run, and What Matters Now*

Copyright © 2020 by Evan Osnos

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela Agir, selo da Editora Nova Fronteira Participações S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.

Rua Candelária, 60 – 7º andar – Centro – 20091-020

Rio de Janeiro — RJ — Brasil

Tel.: (21) 3882-8200

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

---

Osnos, Evan

Joe Biden / Evan Osnos ; tradução Alexandre Martins; prefácio de Marcelo Lins.-  
- 2. ed. -- Rio de Janeiro : Agir, 2021.

Título original: Joe Biden — The Life, the Run, and What Matters Now  
ISBN 978-65-58370-49-9

1. Biden, Joe, 1942- 2. Estados Unidos - Política e governo 3. Presidentes -  
Estados Unidos - Biografia I. Título.

21-54343

CDD-328.73092

---

Índices para catálogo sistemático:

1. 1. 1. Presidente : Estados Unidos : Ciência política 328.73092  
Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129

*As pessoas pagam pelo que fazem e, ainda mais, pelo que se permitiram se tornar. E pagam de um modo bem simples: com a vida que levam.*

— James Baldwin, *No Name in the Street*

*Mas eu estou amarrado a uma roda de fogo.  
Minhas lágrimas queimam como chumbo derretido.*

— Shakespeare, *Rei Lear*

# SUMÁRIO

---

PREFÁCIO

PRÓLOGO

Capítulo 1: *ANNUS HORRIBILIS*

Capítulo 2: O QUE FOI PRECISO

Capítulo 3: “CRESCÇA”

Capítulo 4: VICE

Capítulo 5: ENVIADO

Capítulo 6: O SORTUDO E O AZARADO

Capítulo 7: A BATALHA PELA ALMA

Capítulo 8: PLANEJANDO UMA PRESIDÊNCIA

AGRADECIMENTOS

NOTA SOBRE AS FONTES

## PREFÁCIO

---

O 46.º PRESIDENTE DOS ESTADOS UNIDOS, JOSEPH ROBINETTE BIDEN Jr., ou simplesmente Joe Biden, tomou posse em janeiro de 2021 com desafios à altura da posição de homem mais poderoso do mundo. Entre eles, o de recuperar a imagem da maior potência do planeta, para lá de arranhada depois do mandato único de Donald John Trump, talvez o mais escandaloso ocupante da Casa Branca na história. Em qualquer sentido.

Outra tarefa imensa, recolocar nos trilhos a maior economia do mundo, abalada pelo fracasso no enfrentamento da mais grave crise sanitária em cem anos e as dúvidas que cercam o modelo liberal-protecionista do trumpismo. Tudo isso com um novo Congresso em um mundo ainda mergulhado numa pandemia que tem os Estados Unidos como líder do triste ranking de mortos e contaminados pela Covid-19.

No espaço de um ciclo eleitoral, Biden passou de coadjuvante a protagonista, atraindo holofotes e perguntas. Será que merece a fama de negociador pragmático, construída em mais de meio século de vida pública? A habilidade é tida como fundamental

para reconquistar a confiança de aliados históricos, abalada pelo isolacionismo raivoso de Trump. Mas também para recuperar a posição de liderança dos Estados Unidos nas discussões dos grandes temas do planeta, das mudanças climáticas à eventual retomada de negociações sobre o programa nuclear do Irã.

Sai a cruzada ultranacionalista, volta o multilateralismo e a determinação de religar os Estados Unidos ao mundo que ajudou a moldar no século XX. Em casa, mais trabalho duro. Reconstruir pontes e criar espaços de diálogo, num país profundamente dividido. No debate racial, nas visões sobre economia, nas discussões sobre representatividade, o papel do Estado e mais. A recuperar ainda a própria democracia americana, que teve a solidez posta em dúvida.

Mas, afinal, quem é esse Joe Biden que chegou ao poder com uma carga de expectativas tão grande, prometendo ser um presidente de transição? É a pergunta a que este livro tenta responder de forma objetiva e direta.

O que dá para adiantar, lembrar? Que Biden é figura conhecida do mundo político dos Estados Unidos desde que chegou ao Senado no início da década de 1970. Para interlocutores estrangeiros, um conhecedor da geopolítica, com experiência acumulada na Comissão de Assuntos Internacionais do Senado e em oito anos como vice-presidente. Para o público leigo, é o simpático companheiro de chapa de Barack Obama. Para todos os efeitos, um político veterano que chegou ao ponto mais alto da carreira numa idade mais facilmente associada à aposentadoria do que ao trabalho produtivo.

Nascido na Pensilvânia, Biden cresceu e fez carreira política no

pequeno estado de Delaware. Sempre se apresentou como representante do cidadão médio e há quem diga que sempre foi um político mediano. Os mais próximos preferem alimentar a imagem de ponderado, bom ouvinte, católico praticante, atento às questões dos menos favorecidos.

Insistente, Biden tentou ser candidato a presidente em 1987 e em 2007, até sair vitorioso na disputa do partido em 2020, que só deslanchou com o apoio decisivo de lideranças negras da Carolina do Sul.

Resiliente, tem a vida marcada por tragédias pessoais. Perdeu a primeira mulher e uma filha num acidente, logo depois de ter sido eleito senador. Casou de novo, com a hoje primeira-dama Jill, com quem teve mais uma filha. Um pai que ainda perderia o primogênito e herdeiro político para um câncer e não desistiu nem quando foi surpreendido por um aneurisma cerebral durante uma campanha. Um orador que não se deixa abater pelas gafes e que precisou superar a gagueira, num processo que nunca esqueceu e contribuiu para desenvolver e demonstrar empatia com quem enfrenta dificuldades.

Para contar o que importa saber na história de Joe Biden sem cair no culto personalista ou no tom asséptico dos biógrafos que querem agradar biografados ou herdeiros, o jornalista Evan Osnos foi bem além dos dados acessíveis a alguns cliques na internet. Usou como base perfis que escreveu em momentos diversos para a revista *The New Yorker*, conhecida pela qualidade dos textos e a obsessão com a precisão das informações. Fez mais de cem entrevistas e acumulou revelações de bastidores. O que

você, leitora ou leitor, vai encontrar nas próximas páginas não é, portanto, uma biografia nos moldes habituais, com ordem cronológica rígida e uma sucessão de acontecimentos elencados. É um texto fluido em que o protagonista sai de cena diversas vezes, mas sempre volta. Revendo acertos e erros, incorporando bandeiras, encabeçando projetos ou trabalhando em parceria. Um político que já escreveu seu nome na história como vice do primeiro presidente negro dos Estados Unidos, agora determinado a demonstrar que um homem comum, ou quase, é capaz de cumprir as mais extraordinárias missões.

*Marcelo Lins*  
*Jornalista*



## PRÓLOGO

---

*12 de fevereiro de 1988*

UM HOMEM DE 45 ANOS — BRANCO, PAI DE TRÊS FILHOS — ACORDA NO chão do seu quarto de hotel. Passara cinco horas inconsciente. Mal conseguia mover as pernas. Não sabia como havia chegado ali. Lembrava-se apenas de uma explosão de agonia — ele fizera um discurso em Rochester, Nova York, e voltara ao quarto, onde sentira algo parecido com um cutelo partindo seu crânio. Passara meses ignorando a dor estranha em sua cabeça e seu pescoço, afogando-a com Tylenol, culpando a absurda sobrecarga de concorrer à presidência ao mesmo tempo que presidia o comitê dedicado ao judiciário no Senado dos Estados Unidos. A campanha terminara de forma constrangedora — fruto de sua própria arrogância, admitia para si mesmo —, mas as dores de cabeça continuaram.

O homem se ergueu até a cama. De lá, seu assistente o colocou em um avião rumo a Delaware, onde os médicos diagnosticaram um aneurisma cerebral, o inchaço de uma artéria que irriga o cérebro. A expectativa de sobrevivência era tão reduzida que foi

chamado um padre para sua extrema-unção antes mesmo que sua esposa conseguisse chegar. Nas horas que se seguiram, ele foi transferido debaixo de uma tempestade de neve para a capital do país, Washington, e um cirurgião alertou que a operação poderia lhe tirar a capacidade de falar. “Isso teria sido proveitoso no verão passado”, retrucou o homem.

Ele passou mais três meses deitado, em meio a novas cirurgias e complicações, confinado a um leito de hospital. Estranhamente, seu fracasso na campanha presidencial salvara a sua vida. Caso ele tivesse permanecido na estrada, cruzando New Hampshire e ignorando os sintomas, poderia não estar mais ali. No momento mais crítico de sua provação, um médico disse que ele era “um homem de sorte”. Sete meses se passaram antes que o homem conseguisse se levantar e voltar ao trabalho. Ao primeiro grupo de pessoas que encontrou, comentou ter recebido uma “segunda chance na vida”.

Mais de trinta anos após Joe Biden quase ter morrido, esse momento é com frequência ignorado entre os marcos oficiais de sua biografia política. Mas aquele instante ilustra o padrão que define a sua vida — uma sequência de reviravoltas improváveis, algumas espetacularmente favoráveis e outras quase inacreditavelmente cruéis. A ambição de Biden de atingir os níveis mais altos de poder nos Estados Unidos impulsionou sua ascensão por mais de cinco décadas. Quando ele mal havia saído da adolescência, a mãe de Neilia Hunter (sua então namorada e, posteriormente, sua primeira esposa) perguntou quais eram seus objetivos profissionais. “Ser presidente”, respondeu Biden, acrescentando: “dos Estados Unidos”.

Sua trajetória política o colocou em momentos cruciais da história norte-americana moderna, incluindo alguns dos conflitos determinantes no que diz respeito a raça, gênero, crime, saúde, capitalismo e guerra. Ele cometeu erros, se justificou e pagou um preço. Várias vezes derrotou previsões de que estava acabado, e se viu, para sua própria surpresa, ao lado de Barack Obama em uma disputa histórica pela Casa Branca. Em seu discurso na Convenção Nacional Democrata em 2008, ele disse: “Fracassar em algum momento da vida é inevitável, mas desistir é imperdoável.”

Na vice-presidência — o cargo mais infame de Washington —, com frequência Biden dava a impressão de ser um homem que não conseguia acreditar na própria sorte. Os problemas que teve na vida o despiram de parte da vaidade solene. Um ministro britânico certa vez perguntou a ele, em um encontro a sós, qual era o cerimonial de tratamento entre os dois. Biden olhou para os dois lados e, comicamente, respondeu: “Como estamos a sós, por que não me chama de senhor presidente e eu o chamo de senhor primeiro-ministro?”

Em 2020, ele era um político veterano tão marcado pelos muitos anos e muitas batalhas que seus adversários, e mesmo alguns de seus admiradores, questionavam se era sábio se candidatar mais uma vez. E ele voltou a frustrar as previsões, emergindo como o candidato democrata à presidência em um confronto com implicações tão graves para o futuro dos Estados Unidos que tornou reais os clichês habituais sobre a mais importante eleição de nossas vidas. Ele estava em uma disputa direta com Donald Trump por um cargo que perdia seu status de líder do mundo livre.

As circunstâncias de sua vida e um país em perigo conspiraram para colocar Joe Biden no centro de um acerto de contas norte-americano, despertando uma urgente curiosidade, nos Estados Unidos e no exterior, de saber o que o moldara, como ele pensava, o que trazia e do que carecia. No momento em que seu país se prostrava diante do mundo, Biden chegara para escrever seu nome na história.

Capítulo 1

# *ANNUS HORRIBILIS*

---

OS ELEGANTES SUBÚRBIOS PRÓSPEROS DE WILMINGTON, DELAWARE, nos bosques sinuosos do vale Brandywine, fazem sucesso com os herdeiros da fortuna química da família du Pont. Suas propriedades e seus jardins ficam escondidos no que é conhecido como Chateau Country de Delaware. Em um terreno modesto quando comparado com os padrões dos du Pont — pouco mais de 16 mil metros quadrados —, Joe Biden e sua esposa Jill vivem entre colinas com vista para um pequeno lago.

No 99.º dia antes da eleição, parei na entrada de carros de Biden. Para evitar o contágio do novo coronavírus, seus assessores me instalaram em uma construção a pouco menos de cem metros da casa em que a família mora. “Bem-vindo à casa da minha mãe”, disse Biden do pé da escada, um instante antes de sua cabeleira branca surgir.

Então, ele chegou ao segundo andar. Vestia uma impecável camisa social azul, com as mangas arregaçadas até os cotovelos, uma caneta pendurada entre os botões e uma máscara N95 branca reluzente.

Biden estava a três semanas de se tornar oficialmente o candidato democrata a presidente dos Estados Unidos. A manchete na primeira página do *The Washington Post* naquela

manhã era: “Imagem dos Estados Unidos em baixa no mundo”. O número de mortos no país pelo coronavírus se aproximava de 150 mil, três vezes mais vidas do que as perdas na guerra do Vietnã. A queda da economia acontecia mais rapidamente que em qualquer outro momento na história do país. Em Portland, no Oregon, agentes federais com uniformes sem identificação lançavam gás lacrimogêneo contra manifestantes que Donald Trump chamava de “anarquistas e agitadores doentios e alucinados”. Naquele mesmo dia, Trump usava o Twitter para alertar que os manifestantes iriam “destruir nossas cidades americanas, ou pior, caso Joe Soneca Biden, a marionete da esquerda, vença. Os mercados despencariam e as cidades arderiam”.

O homem que estava entre os americanos e mais quatro anos de Trump parecia contente de ter companhia. No estranho verão de 2020, a residência de Biden estava tão solene e isolada quanto uma abadia. O chalé, decorado com inspirações celtas (venezianas verdes, estampa de cardo nas almofadas) servia também como posto de comando do serviço secreto, e homens grandes com armas nos coldres andavam de um lado para o outro com o passo firme. Biden se sentou em uma poltrona em frente a mim, do outro lado do aposento, e estendeu as mãos em um cumprimento socialmente distante. “Os médicos são muito rígidos”, explicou.

Ainda naquela tarde, os Biden tinham um compromisso em Capitol Hill para prestar homenagem ao recém-falecido John Lewis, de Geórgia, um ícone da luta pelos direitos civis que teve o crânio fraturado por policiais estaduais em Selma, no Alabama, antes de chegar à Câmara dos Deputados e se tornar a

“consciência do Congresso”. Seria um acontecimento raro. Desde a implantação do *lockdown* em março, Biden circulara por sua varanda dos fundos, onde realizava encontros pelo Zoom para arrecadar fundos, uma academia no andar de cima e a sala de gravações no porão, onde dava entrevistas para a TV diante de uma estante e uma bandeira americana dobrada. A estrutura de campanha estava espalhada pelas casas de cerca de 2.300 funcionários.

Antes que eu fizesse uma pergunta, ele explicou a origem do chalé. Quando seu pai, Joe Sr., ficou doente em 2002, Biden reformou o porão da casa principal para seus pais se instalarem. “Deus o amava, e ele durou uns seis meses. Achei que minha mãe iria ficar”, contou.

Mas ela tinha outra ideia. (A falecida mãe de Biden, Jean Finnegan, desempenha um papel extraordinário nas histórias que ele conta da família. Ele lembra que na escola primária uma freira zombou dele por gaguejar, e a mãe, católica praticante, disse a ela: “Se você falar assim com meu filho de novo, eu volto e arranco esse capelo da sua cabeça.”)

Biden contou que depois de ficar viúva, Jean lhe fez uma proposta. “Ela disse: ‘Joey, se você construir uma casa para mim, eu me mudo para cá.’ Eu respondi: ‘Querida, não tenho como construir uma casa para você.’ E ela retrucou: ‘Sei que não. Mas conversei com seus irmãos e sua irmã. Venda minha casa e construa um anexo.’”

Durante anos, Biden, que dependia de seu salário de servidor público, foi um dos membros menos prósperos do Senado dos



Estados Unidos. (Nos dois anos após deixar a vice-presidência, os Biden ganharam mais de 15 milhões de dólares com palestras, aulas e livros.) Biden reformou uma antiga garagem, e a mãe se mudou. “Eu entrava e ela estava naquela cadeira lá de baixo, de frente para a lareira, vendo televisão. Sempre havia uma cuidadora por perto, e ela ficava ouvindo sua confissão.”

Joe Biden foi um “homem público”, como ele mesmo diz — com um mandato, dando entrevistas, contando histórias —, por cinco décadas. Eu o entrevistara pela última vez, principalmente sobre relações exteriores, em 2014, quando ele estava na Casa Branca e Donald Trump apresentava a 14.<sup>a</sup> temporada de *O aprendiz*. Biden tem 77 anos e parece mais magro do que há seis anos, mas não demais. Ele não se despediu da juventude sem lutar. Seu sorriso passou por um branqueamento tão poderoso que inspirou um *tweet* durante a campanha de 2012: “Os dentes de Biden estão tão brancos que votarão em Mitt Romney”. Ele ganhou um implante capilar, sua testa parece alisada. No geral, Biden transmite a imagem de um avô recém-chegado da academia, o que muitas vezes é o caso. Sua tagarelice continua sinuosa como sempre. James Comey, o ex-diretor do FBI, certa vez escreveu que uma conversa típica com Biden começava na “Direção A”, antes de seguir para a “Direção Z”. (Em dezembro de 2019, sua campanha divulgou um resumo médico de seus registros de saúde que o declarava um homem “saudável e vigoroso” para a sua idade.)

As implicações de sua idade, de uma forma ou de outra, pairaram sobre a campanha presidencial. Trump tomou posse

como o mais velho presidente na história. No verão de 2020, ele estava com 74 anos. Para desviar perguntas sobre a sua capacidade mental, ele e seus aliados apresentaram Biden como um homem senil, um tema que dominou programas de TV e contas de Twitter de extrema direita. Biden pouco viu desses comentários, já que não acompanha redes sociais. (Em comparação com Trump, a campanha de Biden as usou sem entusiasmo. Trump tinha mais de 114 milhões de seguidores contando Twitter e Facebook. Biden tinha menos de dez milhões.)

Se acontecia algo grande, sua equipe incluía um *tweet* no resumo do noticiário matinal que ele recebia e lia no celular. “Não vejo muitos dos comentários. Gasto meu tempo tentando me concentrar nos problemas atuais das pessoas.”

No final de agosto, dez semanas antes da eleição, Biden superava Trump em média por oito pontos percentuais. Mas nenhum habitante da Terra esperava um final de campanha normal. Algumas pesquisas mostravam uma disputa acirrada, que poderia ser transformada por uma mudança repentina na economia, no Congresso ou na Suprema Corte. “Eu me sinto bem com nossa posição. Mas sei que vai ser feio.” Enquanto Trump questionava a legitimidade dos votos pelos correios, seu diretor dos Correios despudoradamente cortava serviços de modo a impedir que votos fossem contabilizados. Ruth Bader Ginsburg, a mais velha juíza da Suprema Corte, começara pouco antes a fazer quimioterapia, abrindo a perspectiva de uma acirrada disputa partidária pela escolha de um sucessor. Agentes republicanos estavam ajudando Kanye West, o astro do hip-hop defensor de

Trump, a figurar nas cédulas em diversos estados, o que alguns suspeitavam que poderia drenar votos negros de Biden. Enquanto isso, os serviços de inteligência americanos alertavam que, como em 2016, os russos estavam atuando para prejudicar o adversário de Trump, dessa vez com gravações telefônicas editadas para sustentar a mentira de que Biden usara sua posição de vice-presidente para ajudar o filho Hunter a ganhar dinheiro na Ucrânia.

Para um favorito, Biden não estava exatamente otimista. “Estou preocupado que eles fraudem o resultado das eleições. Afinal, quando você já ouviu um presidente dizer: ‘Não sei se irei aceitar o resultado?’”

Os problemas de 2020 desmontaram algumas das histórias mais fundamentais que nós, americanos, contamos. O país mais rico e poderoso do mundo fracassou nas respostas mais básicas à pandemia — encontrar máscaras, testar a população — e alguns dos órgãos governamentais se revelaram tão antiquados e sem recursos que usavam aparelhos de fax para partilhar informações. A Casa Branca tomava providências que pareciam debochar de Kafka. Ao mesmo tempo que as pessoas eram aconselhadas a não comer fora, aventava-se a possibilidade de uma isenção de impostos para as empresas que servissem refeições no trabalho.

Diferentemente do que ocorreu na Segunda Guerra Mundial, quando americanos de classe média racionavam produtos básicos como carne, café e açúcar, muitos americanos da era Covid-19 rejeitavam apelos para permanecer em casa ou cobrir o rosto.

Alguns se arriscaram e passearam nas férias da primavera, enquanto estoquistas, ajudantes de casas de repouso e entregadores voltaram ao trabalho, tendo sido considerados “essenciais”. Em Washington, até padrões básicos de coesão política foram abandonados. Quando Larry Hogan, governador republicano de Maryland adversário de Trump, encomendou kits de exames da Coreia do Sul, achou necessário utilizar a força da polícia estadual e de soldados da Guarda Nacional para proteger o carregamento, por medo de que o governo federal tentasse confiscá-lo. Trump se vangloriara de ter retido suprimentos e equipamentos destinados a estados com líderes democratas. “Não telefone para o governador de Washington”, ele se lembrava de dizer ao seu vice-presidente, Mike Pence. “Não ligue para aquela mulher de Michigan.” Em abril, na Fox News, Jared Kushner, genro do presidente e um dos responsáveis pelo combate ao coronavírus, classificou o esforço do governo como “uma grande história de sucesso”. Nos quatro meses seguintes, pelo menos mais 110 mil pessoas morreram.

E, em meio à pandemia, a morte de George Floyd, sufocado ao ser violentamente imobilizado por um policial, produziu uma segunda mudança fundamental na história americana — encarar a entrincheirada hierarquia de poder, que Isabel Wilkerson, em seu livro *Caste*, chamou de “o lanterninha silencioso em um cinema escuro, com a luz da lanterna apontada baixo para os corredores, nos conduzindo aos nossos lugares”.

Cornell William Brooks, professor de Harvard, ativista e ex-presidente da NAACP [sigla para National Association for the

Advancement of Colored People — Associação Nacional para o Progresso de Pessoas de Cor], comparou o assassinato de George Floyd ao assassinato de Emmett Till em 1955, que inspirou o movimento pelos direitos civis em Montgomery. A escala dos protestos refletiu uma fúria mais profunda que o horror que o despertara. “O elemento mais incendiário nesse caldeirão é a esperança frustrada. Muitos de nós se lembram de “esperança e mudança”, e o que recebemos foi literalmente raiva e medo. As pessoas não aguentam mais”, disse Brooks.

Biden acreditava que as falhas da liderança de Trump, particularmente na pandemia, haviam ficado óbvias até para o defensor republicano mais ferrenho. “Todos sabem, mesmo as pessoas que o apoiam: tudo não passa de interesse pessoal. Tudo diz respeito a ele. Isso teve um impacto profundo na vida das pessoas.” Ainda assim, ele reconhecia, isso poderia não ser suficiente para mudar a opinião dos eleitores. Quando Biden caracterizou os partidários de Trump, não foi como iludidos, culpados ou deploráveis. “Eles acham que estarão melhor materialmente se ele for presidente. Acho que ele teve sucesso em certa medida, com uns 40% dizendo: ‘Os democratas são socialistas. Eles estão aqui pra tomar tudo o que você tem.’”

Há muito os republicanos acusam os democratas de tramar para contrabandear o socialismo para os Estados Unidos. Mas fazer essa acusação a Biden, cuja carreira se distinguiu principalmente por um cuidadoso centrismo, era uma tarefa complicada. Biden chegou às primárias democratas com um objetivo limitado: encerrar a presidência de Trump. A maioria dos americanos não quer uma revolução, argumentou. Em um

dos primeiros encontros para levantar recursos em Nova York, ele prometeu não “demonizar” os ricos, e disse que “fundamentalmente nada iria mudar”. (Na internet, as pessoas compartilharam cartazes de campanha fictícios ao estilo de “Hope”, o retrato colorido de Obama, com o lema “Fundamentalmente nada iria mudar”.) Mas na época em que Biden efetivamente conseguiu a indicação, em março, ele já começara a descrever sua candidatura como uma aposta em mudanças sistêmicas na escala do New Deal de Franklin Roosevelt. De acordo com um assistente do alto escalão de Bernie Sanders, Biden disse a Sanders em um telefonema sobre um possível apoio: “Eu quero ser o presidente mais progressista desde Roosevelt.”

Essa mudança confundiu os críticos de ambos os lados. Biden foi simultaneamente acusado de ser uma marionete socialista e um neoliberal vendido. Para seus detratores à esquerda — especialmente democratas mais jovens, mais educados e ideológicos que são muito atuantes na internet —, ele era uma criatura do *ancien régime* e um acólito do estado de segurança nacional com tão pouco interesse por mudanças que, quando venceu na Superterça — momento em que ocorrem prévias simultâneas em diversos estados para a escolha dos candidatos do Partido Democrata e do Partido Republicano —, as ações de planos de saúde valorizaram. Os liberais ficaram desalentados por a disputa eleitoral mais diversa da história ter produzido um homem branco na casa dos oitenta anos. Era como se o garçom tivesse voltado da cozinha com a notícia de que todos os pratos

especiais haviam terminado e que restava apenas mingau de aveia. (Eles, claro, sempre tinham a opção de mais veneno de rato.)

Maurice Mitchell, o diretor nacional do Working Families Party, observou: “As pessoas disseram: ‘Ah, esse cara é um idiota.’ Ele não tem ideologia, o que é muito importante para nós. Nas primárias, ele se oferecia como um candidato retrógrado. Não ia além de voltar ao ponto em que estávamos nos anos Obama.” Mitchell, que também era um líder do Movement for Black Lives, afirmou que a mudança de tom de Biden chamou a atenção dos progressistas. “Ele está reconhecendo que este pode ser um momento *rooseveltiano*. Ele não chegou lá, ninguém acha que Joe Biden é uma estrela progressista, mas ele pode ser produto de seu raciocínio mais cético ou produto de seu raciocínio mais otimista.”

Em uma entrevista quando a eleição se aproximava, perguntei a Barack Obama como ele interpretava a guinada de Biden para a esquerda. “Se você olhar os objetivos de Joe Biden e os objetivos de Bernie Sanders, eles não são muito diferentes quando vistos de 12 mil metros”, comentou. “Ambos querem garantir que todos tenham acesso à saúde. Querem garantir que todos consigam um emprego que lhes permita viver. Querem garantir que todas as crianças recebam uma boa educação”, disse sugerindo que era uma questão tática. “Muitas vezes, a questão diz respeito a ‘como lidamos com isso, e quais são as coalizões necessárias’. Acho que o que este momento conseguiu foi mudar alguns desses cálculos, não necessariamente porque Joe tenha mudado, mas porque as circunstâncias mudaram.”

As tensões que afligiam o Partido Democrata refletiam o choque entre a melhoria liberal — a política de “longo prazo” de Obama e Biden — e o movimento urgente que Sanders chamava de “revolução”. As duas facções alegavam ter virtudes rivais: uma enfatizava realismo, construção de coalizões e políticas práticas; a outra apontava a evidência incontestável de que as “reformas” habituais não haviam enfrentado a disseminada desigualdade, a crueldade do sistema de saúde americano e carcerário, e a catástrofe ecológica.

A divisão era tanto geracional quanto ideológica. Os americanos jovens cresceram com uma sucessão de fiascos — a invasão do Iraque, a reação ao furacão Katrina, a crise financeira de 2008 — e passaram a atribuir a culpa de tudo isso em parte à gerontocracia. Em 2020, a média etária da população americana era de 38 anos. A média etária dos senadores americanos era de 65. O Congresso estava entre os mais velhos da história. O líder da maioria no Senado, Mitch McConnell, tinha 78. A presidente da Câmara, Nancy Pelosi, oitenta. A disparidade etária estava na raiz de uma profunda diferença nas visões de mundo. Nas palavras de Patrick Fisher, professor de Seton Hall especializado na dinâmica política da idade, “demograficamente, politicamente, socialmente e tecnologicamente as gerações diferem mais uma das outras hoje do que em qualquer momento antes”.

Os *millennials* são a maior geração nos Estados Unidos hoje, e a de maior diversidade na história do país. Eles ingressaram no mercado de trabalho durante a pior recessão desde os anos 1930. Pessoas com menos de 25 anos de idade se depararam com taxas



de desemprego mais de duas vezes superiores às de outros grupos etários. Em 2012, um número recorde de jovens adultos entre 18 e 31 anos morava com os pais. Nos anos 2010, enquanto o trumpismo germinava na direita, um movimento político rival brotava à esquerda, conduzido pelos jovens. Do ponto de vista deles, os americanos mais velhos estavam usando o sistema político para desviar recursos das gerações mais novas. Em 2014, o governo federal gastou aproximadamente 6 dólares *per capita* em programas para os mais velhos, contra 1 dólar investido em programas para crianças, de acordo com Paul Taylor, autor de *The Next America*, um estudo sobre o futuro demográfico dos Estados Unidos.

Muitos americanos jovens depositaram suas esperanças em Obama. Em 2008, ele teve o voto de impressionantes dois terços dos *millennials*. Ao final de seus mandatos, eles haviam chegado à conclusão de que se ele não conseguia levar os partidos políticos a agir, então ninguém conseguia. Entre 2013 e 2017, a idade média dos filiados ao Partido Socialista Democrático da América caiu de 68 para 33 anos. Muitos outros manifestaram o desejo de um socialismo mais próximo do New Deal. Em 2019, Greta Thunberg, a adolescente sueca que inspirou uma greve global pelo clima, disse às Nações Unidas: “A mudança está a caminho, gostem vocês ou não.”

Quando perguntei a Obama sobre as tensões no partido, ele as apresentou como facetas da “tradicional ideia democrata”. “Você tem um partido guarda-chuva. E isso significa que você tolera, escuta e aceita pessoas que são diferentes de você, e tenta mantê-

las no coletivo. Então, trabalha não apenas com democratas liberais, mas também com democratas conservadores, e está disposto a ceder em certas questões.” Essa foi uma crítica aos democratas que consideram que ceder é uma falha. Em comentários feitos no ano anterior, Obama lamentou o surgimento no partido de um “pelotão de fuzilamento circular”. “Essa ideia de pureza, de que você nunca cede, de que sempre é politicamente atento às injustiças sociais e tudo o mais, é melhor superar isso logo”, disse.

Antes de se tornar candidato, Biden se mostrou frustrado com a baixa participação da juventude nas eleições. Em 2019, ele resmungou que quando Trump enfrentou Hillary Clinton “eles ficaram em casa, não se envolveram”. Mas, quando conversamos durante a campanha, ele se esforçou para soar mais conciliador. “Essa geração foi ferrada. Essa foi a mais receptiva, a menos preconceituosa, a mais brilhante e a mais educada geração da história americana. E o que acontece? O 11 de Setembro, uma guerra, a Grande Recessão, e isso. Essa geração merece receber ajuda no meio dessa crise.” Ele compreendia alguns elementos dos apuros pelos quais passavam. “Estou quitando os empréstimos estudantis de Beau Biden”, disse, se referindo ao primogênito, morto em 2015. “Ele nunca atrasou um pagamento, mas, quando passou pelos cursos iniciais e concluiu a faculdade de direito, devia 124 mil dólares.”

Na primavera de 2020, Biden começou a se descrever como um “candidato de transição”, explicando assim: “No partido, nós nunca demos espaço aos mais jovens, a oportunidade de se destacar e chamar a atenção do restante do país. Há um incrível

grupo de pessoas novas, talentosas e mais jovens.” Ben Rhodes, um dos conselheiros de Obama na Casa Branca, me disse: “Essa é uma ideia poderosa. Ela diz: ‘Eu sou um homem branco de 77 anos de idade, fui senador durante trinta anos, e entendo tanto essas limitações quanto a natureza desse país.’ Porque não importa o que ele faça, não pode compreender inteiramente a frustração das pessoas nas ruas. Essa não é uma crítica. Apenas a realidade.” Um alto funcionário do governo Obama observou que o discurso de Biden também incluía uma mensagem mais sutil. “Este país precisa baixar a bola e ter um presidente tedioso.”

Para Varshini Prakash, de 27 anos de idade, uma das fundadoras do Sunrise Movement, uma organização jovem que pressiona por ações contra a mudança climática, Biden reconheceu a necessidade urgente de demonstrar mais que um interesse puramente retórico pela esquerda jovem. “Você tem um candidato à presidência que basicamente dedicou sua carreira a defender soluções paulatinas”, disse ela. “E então ele se descobre em um momento em que as pessoas estão fartas do *status quo* que ele, em grande medida, representa: um sistema econômico que reinou absoluto por quatro décadas, e que ele defendeu, e também problemas com a saúde, o clima, a violência armada, a imigração. Tudo isso entrou em ebulição”, comentou. “Acho que foi a Covid-19 que fez com que tudo transbordasse, que o fez reconhecer que, se não descobrisse uma forma de dosar seu comedimento com o grau de mudanças revolucionárias pelas quais as pessoas estão clamando, ele estaria muito encrencado.”

Para ir à homenagem a Lewis, Biden embarcou em um SUV preto blindado. Ele trocara suas roupas de campanha doméstica por trajes fúnebres — camisa branca engomada, terno e gravata escuros e máscara preta. Na rotunda do Capitólio, ele e Jill foram recebidos por Nancy Pelosi, que não viam desde a implantação do *lockdown*. Eles conversaram um pouco, e depois os Biden se aproximaram do caixão de Lewis coberto com a bandeira, colocado no mesmo ponto em que Abraham Lincoln foi exposto um século e meio antes. Como outros, Biden desafiara os republicanos a honrar Lewis ao restabelecer a Lei de Direito ao Voto — para “proteger o direito sagrado ao voto pelo qual ele estava disposto a morrer”, nas palavras de Biden. A lei servira como uma barreira à discriminação racial nos postos de votação de 1965 a 2013, quando a Suprema Corte decidiu que não havia mais as condições que a tornavam necessária. Desde então, republicanos em muitos estados aumentaram os esforços para barrar eleitores usando exigências falaciosas — no Senado, o líder republicano Mitch McConnell barrou projetos de lei que tentavam garantir o direito ao voto.

Biden e Lewis conversaram pelo telefone pela última vez alguns dias antes da morte deste. Quando recebeu a notícia, Biden soltou uma nota à imprensa: “Para pais tentando responder às perguntas dos filhos sobre como entender o mundo de hoje, ensinem a eles sobre John Lewis”.

Nos dias seguintes, o caixão de Lewis percorreria o roteiro da luta dos negros pela liberdade, começando em sua cidade natal

Troy, no Alabama, cruzando a ponte Edmund Pettus, em Selma, e parando na recém-batizada praça Black Lives Matter, perto da Casa Branca. No Capitólio, Biden pousou a mão no caixão e fez o sinal da cruz.

Trump, por sua vez, não compareceu à cerimônia. Uma vez, Lewis declarou que ele não era um “presidente legítimo”, ao que Trump respondeu em um ataque nada sutil que o distrito de Lewis era “infestado de crime”. Pressionado a dizer algo, Trump tuitou, voltando do golfe, que estava triste e que “Melania e eu oramos por ele e por sua família”.

Na disputa presidencial, os levantes de 2020 deram a Trump muitas oportunidades de parecer racista e desajeitado, ao mesmo tempo que poupavam Biden, um candidato reconhecidamente falastrão, dos riscos de encarar uma agenda completa. Seus assessores negaram sugestões de que tivessem intencionalmente permitido a Trump roubar a cena, mas em maio Biden afirmou: “Quando mais ele falar, melhor eu fico.”

A reticência nunca foi o comportamento padrão de Biden. Mesmo em Washington, a Meca dos falastrões, ele se distinguia. Quando Obama, recém-chegado ao Senado em 2005, ouviu Biden falar em uma reunião do Comitê de Relações Exteriores, passou a um assessor um bilhete de três palavras: “Quero. Morrer. Agora.” Um ex-assessor de muito tempo se lembrava de ter aprendido a flexionar os joelhos durante os discursos do chefe para não desmaiar. Biden conhece sua reputação e às vezes brinca sobre ela. Certa vez, quando seu microfone teve um defeito durante uma entrevista televisiva, ele brincou: “Eles fazem isso comigo na Casa Branca o tempo todo.”

A conhecida sede de Biden por interação humana provavelmente foi um fator importante em sua vitória nas primárias. O ex-prefeito de South Bend, Indiana, Pete Buttigieg, um dos seus rivais, o observou nos bastidores antes de um debate. “Alguns candidatos conversavam uns com os outros. Alguns falavam sozinhos”, relatou, dizendo que Biden batia papo com o pessoal da produção e animava os candidatos novatos. “Acho que qualquer ser humano que esteja por perto é alguém com quem ele fica feliz de conviver, conversar e escutar.”

Com a aproximação das eleições, Biden enfrentou uma dificuldade: seu sucesso político nunca fora fruto de discursos arrebatadores ou da utilização inteligente das redes sociais, e sim de chegar às pessoas — e a pandemia tornara isso quase impossível. A questão era se ele conseguiria estabelecer uma ligação com eleitores suficientes para derrotar Trump quando muitos democratas teriam preferido outro candidato do Partido Democrata.

Capítulo 2

# O QUE FOI PRECISO

---

**BIDEN OSCILA ENTRE ABRAÇAR A IMAGEM DE UM AVÔ BONDOSO E SE irritar com ela.** O apresentador televisivo da madrugada Stephen Colbert certa vez se referiu a ele no ar como um “bom velhinho”. Era 2015 e Biden ligou para ele no dia seguinte, me contou Colbert. “Ele disse: ‘Escute, amigo, se você me chamar de bom velhinho mais uma vez, vou aí pessoalmente chutar sua bunda.’ Eu ri e ele riu. Então retruquei: ‘Não se preocupe. Não vou chamá-lo de bom velhinho, porque você não é *tão* bom assim.’”

Na verdade, a efusividade de Biden sempre foi acompanhada de um lado mais ríspido. Entre os assessores ele é conhecido por apoiar pessoas talentosas sem conexões e ligar para as mães de seus funcionários de surpresa, mas também pode ser rude e exigente, deixando o trabalho braçal de arrecadação de fundos a cargo dos outros. Às vezes, é mais grato a estranhos que querem tirar selfies do que a assessores que passaram anos o mantendo no cargo. Jeff Connaughton, um ex-assessor desencantado, certa vez o chamou de “autocrata egomaniaco”. Mas Connaughton, que se tornou lobista, também admirava o desprezo de Biden pela bajulação corruptora de Washington. “Biden nunca fez nada por mim ou por um de meus clientes”, escreveu ele em seu livro *The Payoff: Why Wall Street Always Wins*. “Ao contrário da maior



parte do Congresso, ele quase nunca confraternizava com a ‘classe permanente’ de burocratas e lobistas. Ele fez o melhor que pôde para ficar o mais longe possível deles.”

Apesar de todo seu tempo em Washington, Biden nunca pertenceu inteiramente à elite tecnocrática. Para os democratas dominantes — os círculos de Clinton e Obama —, ele era piegas demais, com aquela imagem do Joe simples que anda de trem, transparente demais em sua ambição. Biden é o primeiro candidato democrata sem um diploma da Ivy League [grupo formado pelas oito mais prestigiadas universidades dos Estados Unidos], desde Walter Mondale, em 1984. Em um ambiente de acadêmicos que se formaram graças à bolsa Rhodes e ex-professores, ele é sensível demais a paternalismo, real e imaginado. Biden mal tinha chegado à Ala Oeste quando *The Onion* declarou em uma manchete “Sem camisa, Biden lava seu Trans Am na garagem da Casa Branca”, dando origem a um personagem — o criador de caso no fundo do bar — tão marcante que o fato de ele ser abstêmio a vida inteira foi ignorado. (Alcoólatras demais na família, segundo o próprio. Biden cresceu dividindo o quarto com o tio materno e se lembrava da experiência: “Mesmo quando crianças, percebíamos que o tio Boo-Boo bebia um pouco demais.”)

As inseguranças de Biden alimentaram certa expansividade e vulnerabilidade. Mesmo depois de décadas ocupando cargos federais, ele conversava com qualquer pessoa ao seu alcance, em parte para descobrir o que os outros sabiam e ele não. Um alto funcionário do governo Obama, que periodicamente atualizava

Biden sobre os acontecimentos, lembrou: “Ele falava 90% do tempo da conversa. E ainda assim captava alguma coisa. No final, nós nos levantávamos e saíamos, e ele me dava um tapinha nas costas: ‘Boa conversa.’ E eu ficava um pouco atordoado. Então, a questão é qual Joe Biden governa: aquele que é sinceramente aberto e em busca de pontos de vista que o ajudem a ser mais eficaz? Ou o que vai falar com você porque acha ter palavras e experiência suficientes para enfrentar qualquer situação?”

Durante anos, Biden lutou contra uma tendência angustiante de meter os pés pelas mãos. Falando sobre soldados norte-americanos perseguidos por cobradores de dívidas enquanto estão em missão, ele certa vez condenou os “Shylocks que se aproveitam desses homens e mulheres”. Nas imagens do discurso, no outono de 2014, seu olhar varre a plateia e, a julgar pelo tremor que percorre seu rosto, é possível notar que ele percebe que talvez tenha cometido um erro. “Ação é eloquência”, observou Shakespeare no início dos anos 1600, poucos anos depois de escrever *O mercador de Veneza*, a peça que estabeleceu “Shylock” como uma ofensa. Após o comentário de Biden, o diretor nacional da organização judaica Liga Antidifamação, Abraham Foxman, disse que aquela continuava sendo “uma caracterização ofensiva até hoje”. Como Biden é um defensor de longa data da comunidade judaica, Foxman contextualizou o momento: “Quando alguém tão amigável com a comunidade judaica e tão aberto e tolerante quanto o vice-presidente Joe Biden usa o termo ‘shylocked’ para descrever agiotas inescrupulosos que lidam com

homens e mulheres das forças armadas, vemos mais uma vez como esse estereótipo sobre os judeus está profundamente enraizado na sociedade.” (Biden rapidamente se desculpou por “uma má escolha de palavras”.)

Algumas semanas depois, ele se viu novamente em apuros — mas dessa vez por dizer uma verdade. Biden terminou um discurso formal na Kennedy School de Harvard, iniciou o debate e um estudante perguntou se os Estados Unidos deveriam ter interferido no início da guerra civil síria. “Nossos aliados na região foram nosso maior problema na Síria”, comentou Biden, uma caracterização que aliados costumam não gostar. Ele relacionou os turcos, os sauditas e os emirados árabes e acrescentou: “Eles deram centenas de milhões de dólares e toneladas de armas a qualquer um que lutasse contra Assad — só que os fortalecidos eram Al Nusra e a Al Qaeda.” Esse apoio ajudaria a fomentar o ressurgimento do radicalismo sunita. O presidente turco Recep Tayyip Erdogan exigiu um pedido de desculpas e chamou seu relacionamento com Biden de “passado”. (Biden se desculpou com Erdogan dois dias depois.)

Sua tendência a dizer em voz alta o que outras pessoas em Washington diziam em particular lhe causou problemas no trabalho. Ao descrever o papel dos aliados regionais dos Estados Unidos na Síria, ele estava correto. Os Estados Unidos haviam pedido publicamente aos turcos que fechassem sua fronteira para jihadistas a caminho da Síria, e especialistas não tinham dúvidas de que dinheiro dos países do Golfo acabou nas mãos de militantes extremistas. Andrew J. Tabler, do Washington

Institute for Near East Policy, disse ao *The New York Times* que “há erros factuais e há erros políticos” — e o de Biden foi do último tipo.

As desventuras de Biden, que tendiam a acontecer quando ele se aventurava “fora do *teleprompter*”, na definição angustiada de sua equipe, eram parte do motivo pelo qual as raposas políticas tantas vezes subestimaram seu potencial. Muitos norte-americanos fora de Washington não ligaram muito para esses momentos. Na verdade, os improvisos de Biden em Harvard desviaram a atenção do que foi, em retrospecto, uma avaliação perspicaz de relações exteriores, na qual ele estabeleceu ligações entre crises — Isis, Ucrânia, Ebola — e crescentes tensões territoriais com potências autoritárias. Biden pediu o fortalecimento da Otan para ajudar “pequenas nações a resistir à chantagem e coerção de potências maiores usando novas armas assimétricas” (uma referência à Rússia e à China). Descreveu uma nova era definida por uma “incrível distribuição de poder nos estados e entre estados que levou a uma maior instabilidade”, exigindo “uma resposta global envolvendo mais atores, atores mais *diversos* do que nunca”.

Ao longo dos anos, aprendi a reconhecer algumas fontes claras da guerra que Biden trava com a própria boca. A mais comum é o crime da paixão. Durante a batalha pela implementação da Affordable Care Act, em 2014, Biden estava conversando com repórteres do lado de fora da Butterfield’s Pancake House, em Scottsdale, Arizona. Ele avistou uma jovem em um banco e se apressou em usá-la como elemento cenográfico, sugerindo a

necessidade de contratar um seguro pela Affordable Care Act. “Faça isso por seus pais! Dê-lhes paz de espírito!”, implorou ele. Ela acenou com a cabeça corajosamente, mas depois que ele avançou admitiu que não poderia se inscrever porque era uma turista canadense. (“Eu não sabia se deveria dizer.”) Em outras oportunidades, seus comentários produziam reação imediata porque ele sabia muito bem que isso aconteceria. Em um evento na Casa Branca sobre a proteção de estudantes contra ataques sexuais, por exemplo, Biden disse que de onde ele vinha quando “um homem erguia a mão para uma mulher, você tinha a obrigação de cair na porrada com ele, se me desculpam a linguagem”.

Parte do problema era que Biden tinha desenvolvido seus hábitos no Congresso, onde os parlamentares não recebem o tipo de atenção constante dirigida a um presidente ou vice-presidente. Suas palavras habitavam uma terra de ninguém entre qualidade e quantidade. A maior parte do que ele dizia não era registrada e, portanto, se dissesse algo infeliz, geralmente desaparecia no ambiente barulhento produzido por seus colegas. Contudo, assim que ele foi escolhido como candidato a vice, suas declarações passaram a ser examinadas com atenção. Biden aceitava esse escrutínio como o preço a pagar pela franqueza. “Na verdade, não digo muito sobre o que não tenha pensado muito”, disse ele. “Sei que isso parece não combinar com Joe Biden.”

Costuma-se dizer que Joseph Robinette Biden Jr. é um produto da geração silenciosa, a legião de norte-americanos cautelosos

nascidos entre a Grande Depressão e o fim da Segunda Guerra Mundial, que eram jovens demais para ter lutado no exterior e velhos demais para liderar a contracultura. O apelido foi popularizado em 1959 por William Manchester, que os considerou “retraídos” e “sem imaginação”, mas a imagem nunca foi suficiente para dar conta de uma geração que incluiu Muhammad Ali, Elvis Presley e Ruth Bader Ginsburg.

Mais importante era isto: nascer nos Estados Unidos em 1942 como um homem branco heterossexual era, em geral, como ganhar na loteria cósmica. Por causa das baixas taxas de natalidade durante a Depressão e a guerra, a geração foi excepcionalmente pequena — a primeira na história norte-americana a ser menor que a anterior. Seus integrantes receberam mais atenção e recursos de seus pais, frequentaram turmas menores na escola e tiveram altas taxas de ingresso nas faculdades. O New Deal e a G.I. Bill garantiram a eles benefícios, empréstimos e programas federais de trabalho, que empurraram milhões de norte-americanos brancos para a classe média. O sociólogo Elwood Carlson, avaliando a sorte deles em seu livro *The Lucky Few*, descreveu uma época em que as empresas americanas expandiam sua força de trabalho, criavam planos de aposentadoria e distribuía ações — uma combinação que produziu “a geração financeiramente mais sortuda do século XX”.

As vantagens que eles tiveram moldaram suas ideias sobre governo, dinheiro, raça e oportunidade. Em um ensaio para a *Harper's* um ano após o nascimento de Biden, E.B. White capturou uma variedade particular da arrogância norte-americana

no pós-guerra. “A sociedade dos realizadores”, escreveu ele, “é uma sociedade muito pomposa, cujos membros aceitam solenemente a responsabilidade pelo próprio destaque e sucesso”. Era um grupo homogêneo, quase nove em cada dez eram brancos e nascidos nos Estados Unidos. Eles tendiam, como disse Carlson, a “ver seu sucesso na vida como fruto de realizações pessoais, em vez de pensar em termos do contexto social que tornou seu sucesso possível”. Na política, o pensamento seguia a linha “republicanos mais conservadores que em qualquer outra geração no século XX”.

Biden se encaixava no perfil em alguns aspectos e escapava dele em outros. Como o mais velho de quatro irmãos, ele tinha dez anos quando seu pai, desempregado, se mudou com a família de Scranton, na Pensilvânia, para Delaware. O pai, conhecido como “Big Joe”, limpava caldeiras e vendia carros. Big Joe fora rico quando jovem, mas os negócios desandaram. Os vestígios de seu período de prosperidade eram um taco de polo no armário e uma aguda sensibilidade a sinais de desrespeito. Certa vez, em uma festa de Natal do escritório, o patrão jogou um balde de dólares de prata na pista de dança e ficou observando os vendedores lutando para pegá-los. “Papai ficou paralisado por um segundo”, escreveu seu filho em um livro de memórias de 2007 intitulado *Promises to Keep*. Depois “se levantou, pegou a mão da minha mãe e saiu da festa”, perdendo o emprego depois.

A mãe de Biden reforçou a atenção constante ao status. “Ela nos dizia desde que éramos crianças: ninguém é melhor do que você”, contou a irmã dele, Valerie Biden Owens. “E você não é